

# Estética e Consciência infeliz na filosofia hegeliana

Lincoln Menezes de França<sup>1</sup>

Resumo: A oposição entre a finitude do homem e o pensamento do infinito é essencial para a caracterização da consciência infeliz hegeliana, pois o pensamento do infinito só se realiza através da finitude humana. A realização da verdade só é possível, assim, na História onde o Espírito se manifesta. Segundo Hegel, arte, religião e ciência conciliam Idéia e Forma na História de acordo com as características de cada povo histórico universal. Nesse sentido, por exemplo, a arte consegue realizar essa conciliação imediata na Grécia Antiga, momento feliz da História. Entretanto, a arte não tem essa possibilidade de realização na modernidade, pois as necessidades do espírito são outras, não se encontram na sensibilidade, mas na razão, assim, somente a razão teria a condição de realizar essa reconciliação do espírito. A arte continuou buscando em vão essa reconciliação, sendo o romantismo expressão moderna fragmentada dessa impossibilidade, pois manifesta na própria arte a necessidade da filosofia. A consciência infeliz da realização infinita do pensamento na finitude humana se manifesta historicamente, sendo a arte romântica expressão disso.

Palavras-chave: Consciência Infeliz; Arte; História.

Abstract: The opposition between man's finite and the thinking of the infinite is essential for the characterization of the Hegel's unhappy conscience, because the thinking of the infinite only takes place through the finite human. The accomplishment of the truth is only possible in the History where the Spirit manifests himself. According to Hegel, art, religion and science reconcile the infinite and the finite in the History in agreement with the characteristics of each universal historical people. In this way, for example, the art gets to accomplish that immediate conciliation in Old Greece, happy moment of History. However, art doesn't have that accomplishment possibility in the modernity, because the needs of the spirit are another, they aren't in the sensibility, but in the reason, in this way, only the reason would have the condition of accomplishing that reconciliation of the spirit. Art continued looking for that reconciliation in vain, being the romantism fragmented modern expression of that impossibility, because it manifests in the own art the need of the philosophy. The unhappy conscience of the infinite accomplishment of the thinking in the human finite manifests historically, being art romantic expression of that.

Key-words: Unhappy conscience; Art; History.

## Introdução

Neste trabalho trataremos de alguns elementos da consciência infeliz na filosofia da arte hegeliana. A consciência infeliz é uma característica central do pensamento hegeliano, pois fundamenta a tarefa central de Hegel, qual seja, unir o que foi separado na história, finito e infinito, essa cisão entre finito e infinito, sensível e supra-sensível se evidencia na filosofia hegeliana por meio da consciência infeliz que propicia uma busca árdua do espírito no reconhecimento histórico racional de si mesmo em sua liberdade.

1. Mestrando em Filosofia na Unesp / Marília. Texto submetido em Julho de 2008 e aprovado para a publicação em Maio de 2009.

A arte, na filosofia hegeliana, apresenta papel fundamental no percurso do espírito em seu reconhecimento, pois é uma primeira etapa do

Absoluto, que embora ligada às sensações e à intuição se diferencia da natureza, se coloca acima dela e se apresenta como elemento fundamental da vida do espírito que se realiza na História Universal. Uma característica fundamental da arte é sua ligação com a sensibilidade, sua imediaticidade.

Para verificarmos qual o estatuto da arte na filosofia hegeliana é preciso primeiramente considerar como Hegel concebe a arte bela em suas Lições de Estética (Filosofia da Arte) em sua avaliação da arte bela enquanto objeto científico em suas diferenças em relação à natureza, enquanto manifestação do espírito. Assim, poderemos seguir nossas considerações enfocando a questão da consciência infeliz.

### A arte enquanto manifestação do espírito

Nos *Cursos de Estética*, Hegel (1990, p. 28) já exclui de imediato o belo natural como objeto de investigação, não que não se possa referir a qualquer coisa natural como bela, mas Hegel justifica sua posição afirmando que o belo natural não é produção do espírito e a beleza do espírito se torna mais bela quanto mais distante está do belo natural. Pois o que é do espírito se relaciona com a liberdade e o que é natural não é livre por não ser por si mesmo, por não ser consciente de si.

Ainda no que se refere à superioridade do espírito Hegel mostra que só o espírito é o verdadeiro, pois é absoluto por abranger tudo em si mesmo. Assim, logo de início, temos uma concepção do belo referente a um belo enquanto expressão do espírito. O filósofo insiste em mostrar que essa postura não é arbitrária, pois o belo artístico, enquanto manifestação do espírito, é distinto do belo natural, pois o primeiro tem relação fundamental com a liberdade.

Num debate com seus contemporâneos, Hegel busca analisar a natureza da arte para verificar a seriedade da mesma enquanto objeto científico. Numa primeira hipótese, o filósofo indica que aparentemente a arte não traria nada de interessante à ciência, pois relacionar-se-ia com o entretenimento e com a ilusão, não tendo qualquer relação com a verdade da vida. Nesse sentido, considerando a arte numa relação com os fins sérios da vida, sendo mediadora entre razão e sensibilidade, Hegel questiona se a razão ganharia algo com essa mediação, já que entraria em contradição com os fins sérios, fazendo com que a arte possa não ser digna de tratamento científico, já que o belo artístico, por ser produção da imaginação se apresenta às intuições, sensações, à imaginação o que o diferencia do saber científico, estritamente racional.

Entretanto, essas características não dizem respeito à arte livre. Aqui temos uma característica interessante da arte enquanto espaço autônomo

de realização do espírito, essa autonomia da arte já se colocava em Kant, entretanto, com o filósofo de Königsberg verificamos uma crítica da razão na analítica do belo, ou seja, a preocupação kantiana é verificar a faculdade de julgar enquanto característica racional, que todo ser racional teria potencialmente e isso possibilitaria o exercício da liberdade. Mas, do ponto de vista hegeliano a filosofia kantiana embora considere a arte como espaço de reconciliação entre liberdade e natureza, sensibilidade e conceito, ainda permanece subjetiva, portanto, unilateral.

Diante do que se coloca para ele, Hegel mostra as seguintes características da arte, agora já enquanto objeto científico. Como já observamos, a arte não é um produto da natureza, é produto da atividade humana e se liga aos seus sentidos, tendo uma finalidade em si mesma. A arte é produto da atividade humana que expressa o espiritual, o divino, para o homem, aos seus sentidos, atividade que não é uma mimese da natureza, mas expressão espiritual que a ultrapassa, que tecnicamente e por inspiração do gênio se configura na forma artística, expressando a particularidade de um povo na universalidade, expressando uma necessidade racional, da exteriorização da individualidade para a universalidade, levando-a a intuição do outro, porém, é preciso considerar que embora seja correto afirmar que a arte seja expressão da livre racionalidade humana ela apresenta limitações diante de outras formas de manifestação do espírito na história. A arte, desse modo, concilia o pensamento do infinito e a finitude humana de maneira sensível, imediata.

Assim, a arte como espaço autônomo de realização do espírito num primeiro momento, por expressar o que é do espírito não é tratada secundariamente na filosofia hegeliana, sendo que um aspecto fundamental dessa filosofia, a consciência infeliz é evidenciada nas lições de estética hegelianas. Mas, Hegel, antes disso, faz uma importante distinção da bela arte da arte fugaz, que se coloca como meio e não como uma finalidade em si mesma. Assim, a arte digna de ser tratada é a arte livre em seus meios e fins. Essa dupla característica da arte faz Hegel apreciar uma analogia com o pensamento, que pode ser livre, mas também servir como meio a determinados fins. Vejamos como Hegel em suas palavras caracteriza a arte livre, ou seja, enquanto expressão autônoma e faz essa analogia com o pensamento:

[...] o que nós pretendemos examinar é a arte livre tanto em seus fins quanto em seus meios. Que a arte em geral também atenda a outros fins e com isso possa ser apenas um jogo passageiro, esse aspecto ela possui em comum com o pensamento. Pois, por um lado, a ciência pode ser empregada como atendimento servil para fins finitos e meios casuais e assim não adquire sua determinação a partir de si mesma, mas a partir de outros objeto e relações; por outro lado, ela também se liberta dessa servidão para se elevar à verdade numa autonomia livre, na qual ela se realiza independentemente apenas com seus próprios fins. (HEGEL, 1990, p. 32)

E chegamos a um ponto fundamental das considerações hegelianas acerca da arte. Com Hegel a arte ganha um estatuto sem precedentes na

## Estética e Consciência infeliz na filosofia hegeliana

filosofia, pois considerada autonomamente, ou seja, livre, ela se situa no mesmo patamar da religião e da filosofia, por ser uma expressão da consciência e do divino, dos mais importantes anseios da humanidade e do espírito, ou seja, a arte manifesta verdades do espírito, sendo a arte uma chave fundamental para a compreensão do espírito de determinados povos, sendo às vezes a única chave compreensiva, pois a arte expressa, para Hegel, as intuições interiores e representações substanciais dos povos<sup>2</sup>.

Frente à filosofia e à religião a arte apresenta uma característica peculiar, já que apresenta o espiritual de forma intuitiva, sensível, aproximando-se, desse modo, da natureza, sendo que isso propiciará a reconciliação imediata para um determinado povo (o povo grego) entre Forma e Idéia. Hegel mostra que essa característica da arte expressa a profundidade do mundo supra-sensível, que tem relação com o pensamento, que é encarada pela consciência e pela sensação imediatamente como algo que está além, que não vê necessidade na finitude, assim, configura-se o corte da consciência em relação a si mesma, ou seja, a consciência se vê diante de si com uma liberdade infinita, mas que não se realiza sem a finitude, sendo a arte um primeiro elo de ligação, uma primeira maneira de cura do corte entre a sensibilidade finita e o puro pensar. Vejamos como o nosso filósofo configura esse processo na Estética:

Trata-se da profundidade de um mundo supra-sensível no qual penetra o pensamento e o apresenta primeiramente como além para a consciência imediata e para a sensação presente; trata-se da liberdade do conhecimento pensante, que se desobriga do aquém, ou seja, da efetividade sensível e da finitude. Este corte, porém, para o qual o espírito se dirige, ele próprio sabe o modo de curá-lo; ele gera a partir de si mesmo as obras de arte bela como o primeiro elo intermediário entre o que é meramente exterior, sensível e passageiro e o puro pensar, entre a natureza e a Efetividade finita e a liberdade infinita do pensamento conceitual. (HEGEL, *Cursos de Estética*, p. 32-33)

Assim, a arte seria o elo imediato entre o sensível e o supra-sensível e, por isso, é também expressão de um momento do espírito, de um estágio da verdade na história universal, pois sua forma se limita a um determinado conteúdo. Aliás, no que se refere à oposição entre forma e conteúdo, Hegel mostra que a aparência se caracteriza por expressar algo da essência, nesse sentido, a forma e a aparência não podem ser desconsideradas, já que é por meio da forma que a coisa se apresenta para nós. Nesse sentido, a arte embora tenha como fundamento o que aparenta, ela apresenta algo da

2. A idéia de espírito de um povo é um fundamento importante da Filosofia da História hegeliana, pois considera os costumes de um povo, suas características peculiares enquanto expressão do espírito, sendo que isso pode ser uma chave importante para o entendimento da concepção hegeliana da filosofia da arte, pois a história também é um fundamento importante do sistema hegeliano, já que é efetividade, frente à concepção formalista – do ponto de vista hegeliano – da filosofia kantiana, já que a vida de um povo é um conteúdo do qual Hegel não prescinde, além disso, cabe mencionarmos aqui nesse parêntese a concepção filosófica hegeliana enquanto sistema, isso tem fundamental importância, pois expressa essa necessidade hegeliana do absoluto, que abarque a totalidade, pois nada unilateral, do ponto de vista hegeliano, é totalmente verdadeiro.

verdade, aliás, um estágio da verdade, por isso, a arte deve ser considerada cientificamente como expressão fundamental de um momento da história universal, no qual o absoluto torna-se consciente de si mesmo, esse momento é o mundo grego.

Assim, no mundo grego, a arte enquanto elo entre o sensível e o supra-sensível, com sua característica intuitiva é a consciência de si do absoluto na sensibilidade, mas não a expressão mais alta dessa consciência, pois a forma artística não penetra no puro pensar, o que limita esse determinado momento do espírito. Como Hegel apresenta uma concepção universal de história na qual há estágios de desenvolvimento da idéia de liberdade (que é racional) e o mundo grego não é o momento mais alto desse reconhecimento do espírito na História até então, a arte, por expressar a consciência de si do mundo grego não expressa o momento mais alto do reconhecimento de si do espírito, mas a arte é a expressão mais alta do espírito de um momento fundamental da história universal, do ponto de vista hegeliano, que é o mundo grego.

## **A Filosofia da Arte hegeliana e a consciência infeliz**

Vejamos agora como Hegel encara o desenvolvimento da arte na história e como a consciência infeliz se constitui. Para isso devemos ter em mente que, para Hegel, a arte é manifestação do espírito, sendo a história o palco dessa manifestação. A liberdade do espírito está em sua autoconsciência que vai se constituindo na história universal em sua manifestação racional no espírito dos povos. Em cada estágio do desenvolvimento do espírito, este se manifesta de maneira mais completa até chegar à consciência de si. A arte é expressão do primeiro momento de reconciliação do espírito numa determinação imediata. Ou melhor, o homem, em diversos momentos da história, apresenta uma dualidade, em que se vê cindido, pois a realização de si mesmo pode se apresentar num além da vida sensível, o que expressa uma consciência que se vê infeliz por ser finita e infinita. Assim, o homem tem consciência de sua condição na qual se vê numa razão infinita, que só pode vivenciar a finitude.

A arte é uma manifestação do espírito que tem uma finalidade em si mesma, suaviza a arbitrariedade, ao mesmo tempo em que expressa uma moralidade, sendo que essas duas últimas implicações não são finalidades mesmas da arte, pois ela não é um meio para outros fins, mas um fim em si mesmo. Assim, a arte, para Hegel, é uma expressão do espírito que tem a condição de unir o sensível e o supra-sensível de forma imediata, para a intuição sensível.

Há um povo específico na História Universal que se satisfaz com a plenitude da condição da arte de unir o sensível e o supra-sensível imediatamente, o povo do qual falamos é o povo grego. E no decorrer do desenvolvimento do espírito, a verdade se configura de outras maneiras, sendo que o momento subsequente ao grego já expressava uma versão mais profunda de verdade, é a concepção cristã da verdade, que separa o mundo sensível

## Estética e Consciência infeliz na filosofia hegeliana

do supra-sensível e a arte não consegue mais ser esse elo, não podendo mais satisfazer as necessidades do espírito, pois a modernidade não é mais capaz de “venerar as obras de arte como divinas” (HEGEL, 1999, p. 34). A arte, por ser espiritual expressa na forma sensível o conteúdo da Idéia universal que se configura no mundo, efetivando o que é divino, natural e humano.

Assim, é importante mostrar que a arte é uma manifestação do espírito que é por si mesma, mas não é suficiente para a satisfação de todos os povos na história, a arte consegue essa satisfação plena num momento específico da história na qual ela consegue a reconciliação intuitiva do sensível e do supra-sensível. As outras manifestações de reconciliação do espírito seriam a religião e a filosofia, esta seria o estágio, para Hegel, no qual a modernidade estaria e encontraria satisfação quando da reconciliação da subjetividade com a objetividade, sendo, por isso, que Hegel pratica uma filosofia da arte e por meio da filosofia a reconhece como manifestação do auto-reconhecimento da liberdade do espírito.

Reiteramos que o belo artístico, para Hegel, tem caráter imediato, no sentido de não ser a Idéia enquanto tal, pois por ser imediata não é em si e para si mesmo, mas expressa universalidade que ainda não foi objetivada, por isso, se configura enquanto efetividade individual, pois o belo artístico configura a Idéia concretamente na efetividade em si mesma, determinando-se nesse momento como ideal.

Há circunstâncias históricas nas quais a arte apareceria deficiente, pois não há correspondência entre a Idéia e a Forma. A arte suprema conseguiria exprimir essa correspondência na imediaticidade sensível sendo verdadeira em si e para si mesma numa totalidade, que se particulariza na concretude, evidenciando-se, assim, nessa correspondência o ideal. Há diversas formas de se conceber essa relação entre Forma e Idéia na arte, que se configuram no desenvolvimento das fases das formas particulares. Nesse sentido, Hegel faz uma divisão que expressa três diferentes expressões dessa relação entre Idéia e Forma na arte. A primeira é a Forma de Arte simbólica, a segunda é a Forma de Arte Clássica e a terceira é a Forma de Arte Romântica. Vejamos como Hegel concebe essa relação em cada um desses momentos e como a consciência infeliz aparece em um desses momentos.

Encarando a História da Idéia como teodicéia na qual o espírito vai se reconhecendo através dos povos, sendo a arte a expressão da relação do Conteúdo da Idéia com a concretude da Forma para imediaticidade sensível, o belo artístico só pode se revelar no desenvolvimento do espírito na História.

[...]Reconocer que la historia universal es este curso evolutivo y la realización del espíritu, bajo el cambiante espectáculo de sus acontecimientos, tal es la *verdadera teodicea*<sup>3</sup>, la justificación de Dios en la historia. Desarrollar ante ustedes esta marcha del espíritu universal ha sido mi aspiración.

3. Grifo nosso, para ressaltar que Hegel encara a História universal como teodicéia.

ón. (HEGEL, 1989, p. 701)

A Idéia, em sua trajetória de reconhecimento, num primeiro momento é indeterminada e ao se configurar na concretude aparece numa determinidade abstrata, ou melhor, numa má determinidade, pois a Idéia é tão absurda em seu volume, que não é possível ser reconhecida. O Absoluto se apresenta nesse início enquanto abstração em relação à natureza, além de não se enquadrar à forma e acontecimento humanos, o que configura uma sublimidade, que expressa uma inadequação entre Idéia e Forma.

É importante encararmos a História como teodicéia, pois dessa maneira podemos compreender como se desenrola a divisão da arte hegeliana. Assim, pensemos Deus num primeiro momento, enquanto totalidade e que por ser a totalidade não é possível ser reconhecida, pois a totalidade enquanto tal é inexprimível. Nesse sentido, a configuração artística dos primeiros povos expressa um panteísmo que se verifica na arquitetura, nos monumentos absurdamente grandiosos, que apresentam uma sublimidade na qual é impossível o reconhecimento, e por isso, a consciência ainda está num mero tatear da Idéia, que só vai se reconhecer quando da particularização. Nesse sentido, a Idéia, por não se particularizar, aparece de forma sublime na arte, expressando uma total impossibilidade da realização do ideal, pois a concretude da Forma não corresponde à Idéia, o que configuraria a primeira Forma de Arte, a arte simbólica, que se exprime por meio da arquitetura em grandes figuras tais como as pirâmides egípcias. Na forma de arte simbólica, a arquitetura é a expressão artística que expressa esse momento do espírito.

Na inadequação de uma contra a outra, a relação da Idéia com a objetividade torna-se, por conseguinte, negativa, pois ela mesma, enquanto interioridade, permanece propriamente insatisfeita com tal exterioridade e se estabelece de modo sublime sobre toda esta plenitude de configurações, que não lhe correspondem como a sua substância interior e universal. Nesta sublimidade, tanto o fenômeno natural quanto a forma e o acontecimento humanos são decerto tomados e deixados como são, para logo serem reconhecidos como inadequados no que diz respeito a seu significado, que se ergue muito acima de qualquer conteúdo mundano. (HEGEL, 1999, p. 92)

A reconciliação do Ideal que se expressa na concatenação entre Idéia e Forma se dá na segunda forma de arte, a arte clássica da Grécia Antiga. É preciso, atentarmos, no entanto, que a arte enquanto a expressão da relação do Conteúdo da Idéia com a concretude da Forma para imediaticidade sensível, não é a expressão mais alta do Espírito, mas consegue a reconciliação no mundo grego.

A antropomorfização dos deuses gregos expressa a particularização do Absoluto, sendo que a arte, na forma humana da escultura consegue a satisfação do espírito na individualidade imediata grega na sensibilidade. Aqui temos o primeiro momento do reconhecimento do espírito no qual se expressa a felicidade grega, pois a arte como expressão do divino no hu-

## Estética e Consciência infeliz na filosofia hegeliana

mano e no natural , em sua configuração sensível possibilitou uma harmonização da vida grega na relação harmoniosa entre Idéia e Forma. O grego encontrava em sua imediaticidade sua satisfação no belo artístico, sendo a escultura a expressão artística desse momento, no qual o templo, o edifício arquitetônico tinha como objetivo abrigar as esculturas do divino corporificado na escultura.

Entretanto, os limites do sensível humano começam a se evidenciar mediante a eternidade do Absoluto, e eis que a arte por se relacionar diretamente com a sensibilidade não tem condições de satisfazer plenamente o que é do espírito. A reconciliação possível pela arte foi conseguida no mundo grego, a reconciliação possível da arte se relaciona imediatamente com o sensível, o que significa dizer que a arte a partir de então não conseguirá por si só satisfazer aos anseios do espírito em sua trajetória para o reconhecimento de si. Vejamos como Hegel, em suas palavras concebe essa relação da Idéia e da Forma na arte grega e como a arte se constitui enquanto insuficiente para os fins ainda mais altos do espírito:

A Forma de arte clássica, de fato, alcançou o ponto mais alto que a sensibilização da arte foi capaz de alcançar , e se nela há algo de deficiente, tal coisa reside na arte mesma e na limitação da esfera artística. Esta limitação deve ser identificada no fato de que a arte em geral transforma em objeto, numa forma concreta e sensível, o espírito que, segundo o seu conceito é a universalidade infinita e concreta, e apresenta no clássico a consumada formação unificadora [*Ineinsbildung*] da existência espiritual e sensível como correspondência de ambos. Mas, nesta fusão, o espírito não chega de fato à exposição segundo seu verdadeiro conceito. Pois o espírito é a subjetividade infinita da Idéia que, enquanto interioridade absoluta, não se pode configurar livremente para si quando necessita permanecer fundada ao corpóreo como sua existência adequada. (HEGEL, 1999, p. 93-94)

Por ser em-si imediata, a arte grega se liga à sensibilidade e enquanto em-si não vai além desse si, mas o espírito não se contenta com esse em-si e, na arte expressa outra configuração que ultrapasse essa imediatez da sensibilidade e se dirija a uma interioridade autoconsciente. Nesse sentido, o cristianismo tem profunda importância, pois os deuses gregos que se revelavam numa corporeidade humana expressavam apenas o espírito como individual e particular.

O cristianismo supera essa imediatez, pois representa Deus como espírito absoluto, que vai além da corporeidade humana, passando de uma sensibilidade da representação para uma interioridade espiritual. A forma de arte Romântica expressa esse momento do espírito artisticamente, arte essa que supera a si mesma nesse movimento, pois a arte tem relação com a imediatez da sensibilidade, mas na interioridade do espírito o romântico vai além do sensível e aqui se constitui uma espiritualidade livre que busca a reconciliação no interior, deixando o exterior inessencial. Isto é, a interioridade superou a exterioridade, sendo essa superação expressa na própria exterioridade, fazendo com que o fenômeno sensível perca seu valor. Entretanto, a exterioridade é necessária para a manifestação artística. Essa

inessencialidade da exterioridade é um problema, pois nessa contingência individual da interioridade abre-se espaço para a arbitrariedade, o infortúnio e o crime. A ironia enquanto expressão do romantismo revela esse caráter da cisão e da inadequação da Forma e da Idéia. Assim, nessa configuração a inadequação entre Forma e Idéia ressurgem, mas de maneira mais profunda que na forma de arte simbólica pois não expressa na exterioridade o que vem a ela na interioridade. Aqui surge claramente a consciência infeliz na Estética hegeliana.

Por meio disso [o processo da configuração da forma de arte romântica] surge novamente a indiferença, a inadequação e separação entre a Idéia e a forma – como no simbólico -, mas com a diferença essencial de que no romântico a Idéia, cuja deficiência junto ao simbólico apresenta as deficiências do configurar, deve aparecer em si mesma completa como espírito e ânimo. Por esta razão, esta perfeição superior se priva da correspondente união com a exterioridade, sendo que somente pode buscar e completar sua verdadeira realidade e aparição [*Erscheinung*] em si mesma. (HEGEL, 1999, p. 96)

A interioridade romântica é expressão de um momento importante do espírito no qual o Absoluto se singulariza em Cristo, vive a humanidade às últimas conseqüências chegando à morte. A morte de Cristo tem profundas implicações na História universal que se revela no Romantismo alemão, entretanto, é importante atentarmos para essa singularização do espírito, que expressa essa interdependência de Deus em relação ao homem e vice-versa, sendo que essa relação de interdependência se configura na relação senhor-escravo na *Fenomenologia*, em que a consciência do Espírito busca a si mesma mas vê a necessidade do outro para a sua efetivação na realidade, chegando à infelicidade da consciência diante de sua cisão. As expressões artísticas da forma de arte romântica são a pintura, que se aproxima ainda da escultura; a música, que já dá um passo adiante e a poesia, estágio final da forma de arte romântica.

A relação senhor-escravo, em Hegel, expressa uma relação de interdependência do sujeito e do objeto, do homem (enquanto indivíduo) e a objetividade. É uma relação na qual a consciência toma consciência de si mesma no Espírito enquanto eu, ou indivíduo, mas que vê essa dependência no seu outro, no objeto. Isso porque o reconhecimento só é possível, para Hegel, no outro. É no outro que o em-si se reconhece enquanto ele mesmo. Sem o outro ele não é para si.

A separação das figuras (sujeito e objeto) é uma fatalidade da modernidade, já que não é possível um mundo sem sujeito, sendo que sem a diferença não há reconhecimento. Entretanto, a permanência isolada das figuras não permite o reconhecimento das mesmas, pois necessita do outro e é isso que ocorre na forma de arte romântica.

Esse é um ponto central na configuração da filosofia hegeliana, pois, como veremos, é a partir da cisão que a filosofia hegeliana se impõe uma tarefa, qual seja, a de unir o que foi separado, sensível e supra-sensível, finito

e infinito, sujeito e objeto, já que a filosofia kantiana apresentou essa cisão, por conta da separação de númeno e fenômeno, mundo sensível e mundo inteligível, que fez abrir uma lacuna na história da filosofia, da qual Fichte e os românticos alemães tomaram consciência, buscando essa reconciliação. Schiller é o primeiro a tomar consciência dessa cisão. Schlegel, com seus fragmentos e sua ironia expressa a necessidade da reconciliação. Com Fichte, do ponto de vista hegeliano, a solução foi unilateral, pois se deu num processo dialético de caráter parcial, pois se configurou numa filosofia que considera a relação sujeito objeto de modo subjetivo e com Schelling isso se configurou no sentido inverso numa relação sujeito objeto de caráter objetivo.

Quando da transição histórica da Antigüidade para a Modernidade essa consciência visa-se separada de seu outro, o que a faz perder-se de si mesma, constituindo uma má consciência, pois está cindida de seu outro, portanto, cindida de si mesma, já que não se reconhece, sendo a morte do Cristo histórico, segundo Hyppolite (1999), um fato fundamental, pois o romantismo teria consciência do supra-sensível como fundamental à sensibilidade, mas que se vê cindido do supra-sensível por conta da morte do Cristo histórico. Assim, na interioridade se prendem à singularidade que já não mais vive. Essa reconciliação já não é mais possível na arte, pois é necessário saber essa condição, sendo a filosofia o caminho para tal reconciliação.

O cristianismo, do qual o romantismo alemão pretende ser uma interpretação, é o sentimento – embora não seja ainda o pensamento – do infinito valor da existência singular. “Amai aquilo que nunca será visto duas vezes.” O que paradoxalmente se conjuga é esta situação particular da vida e esse termo transcendente que a consciência infeliz pusera inicialmente fora de si mesma. No entanto, a transição do “Uno além do ser” ao “Uno unido ao ser” efetuou-se. Com efeito, a consciência infeliz não está fixada em um dos pólos da contradição; descobre-se como movimento para transpor tal dualidade. (HYPPOLITE, 1999, p. 215)

Nesse sentido, Hegel capta uma cisão no mundo moderno, qual seja, a cisão entre sujeito e objeto, isto é, a cisão do sujeito em relação a si mesmo, que se expressa na consciência infeliz, pois a consciência conscientiza-se de si mesma enquanto cindida do que lhe configura enquanto tal, o seu outro. A filosofia hegeliana ao captar essa cisão na história da filosofia que se revela de forma culminante nas filosofias de Fichte (sujeito-objeto subjetivo) e Schelling (sujeito-objeto objetivo) se imporá uma tarefa, qual seja a união do que foi separado, sujeito e objeto, na figura do espírito (santo) dialeticamente.

Hegel, na *Fenomenologia do Espírito*, descreve o processo de reconhecimento de si da consciência, na realização de sua liberdade. O reconhecimento da consciência se dá de forma mais completa quando não se vê cindida por si mesma e se reconhece no seu outro, numa completude absoluta, que, entretanto, necessita da diferença para se reconhecer e se reconhece na diferença.

É uma consciência-de-si para uma consciência-de-si. E somente assim ela é, de fato: pois só assim vem-a-ser para ela a unidade de si mesma em seu ser-outro. O Eu, que é objeto de seu conceito, não é de fato objeto. Porém, o objeto do desejo<sup>4</sup> é só independente por sua substância universal indestrutível, a fluida essência igual-a-si-mesma. Quando a consciência-de-si é objeto, é tanto Eu quanto objeto. (HEGEL, 2001, p. 125)

Nisso, vemos uma profunda diferença em relação a Kant, o filósofo de Königsberg constitui uma filosofia crítica que do ponto de vista hegeliano tem fundamental importância na história da consciência, mas que faz com que permaneça a cisão entre sujeito e objeto, entre mundo sensível e mundo inteligível, que em Hegel não é possível, pois o reconhecimento do sujeito só é possível no objeto e vice-versa. Nas palavras de Hegel (2001, p. 126): "A consciência tem primeiro na consciência de si, como conceito do espírito, seu ponto de inflexão, a partir do qual se afasta da aparência colorida do alguém sensível, e da noite vazia do além supra-sensível, para entrar no dia espiritual da presença."

O projeto hegeliano se desenvolve a partir das questões levantadas por Kant, filósofo este responsável por um importante movimento do espírito no qual, com a separação entre númeno e fenômeno, provocou uma cisão profunda entre ser e dever ser, entre finito e infinito. O romantismo alemão que sucedeu Kant promoveu a busca dessa unificação que se completou na filosofia hegeliana.

Hyppolite vê a cisão como característica romântica na filosofia hegeliana e aponta essa tarefa de unificação enquanto traço característico de sua filosofia e vai mais além nas origens da consciência infeliz, mostrando que no judaísmo e em parte da idade média a separação entre finito e infinito é evidente, há uma infelicidade na vida terrena pois aqui na Terra não é possível a realização efetiva da própria vida.

[...] A consciência infeliz, que na *Fenomenologia* encontra sua encarnação histórica no judaísmo e em uma parte da idade média cristã, é com efeito, a consciência da vida como infelicidade da vida. O homem elevou-se acima de sua condição terrestre e mortal; ele não é mais que o conflito do infinito e do finito, do absoluto que ele colocou fora da vida, e de sua vida reduzida à finitude. Este conflito é a expressão do romantismo e da própria filosofia hegeliana, aquele que corresponde ao dilaceramento e à cisão e que precede toda unificação e toda a reconciliação. (HYPPOLITE, 1971, p. 24)

Essa cisão, na filosofia hegeliana, expressa uma necessidade e será o fundamento da característica central da filosofia hegeliana, qual seja, a dialética e o desenvolvimento do espírito na história na busca do reconhecimento de si e sua liberdade que é atingida na reconciliação de si na sua consciência, na razão.

4. A consciência de si, para Hegel, é desejo, pois, num primeiro momento, a consciência-de-si, em sua independência, busca a nulidade de seu outro, mas, logo percebe que a satisfação desse desejo só se coloca por conta do outro.

No que se refere à consciência infeliz na Filosofia da arte hegeliana a inadequação entre Forma e Idéia expressa no romantismo expressa o caráter sensível da arte, que por si mesma não consegue nesse momento

histórico fazer a reconciliação para a satisfação do espírito tal qual tinha conseguido na forma de arte clássica grega. Hegel sintetiza esse movimento nos *Cursos de Estética* (1999, p. 96) com as seguintes palavras:

Em termos gerais, este é o caráter da Forma de arte simbólica, clássica e romântica que implica os três tipos de relações da Idéia com sua forma no âmbito da arte. As três Formas consistem na aspiração, na conquista e na ultrapassagem do ideal como a verdadeira Idéia de beleza.

### Considerações finais

Nos *Cursos de Estética* (Filosofia da Arte), Hegel demonstra a importância da Arte na configuração do Espírito enquanto expressão do Absoluto, em que este se apresenta numa imediaticidade sensível, reconciliando Idéia e Forma na concretude histórica. Nesse sentido, a arte vai tomando diversas formas no decorrer do desenvolvimento do espírito, tendo como fundamento a relação Forma e Idéia. Num primeiro momento, na Forma de arte simbólica, o Absoluto se apresenta por meio da arquitetura como sublimidade, sublimidade que expressa a inadequação do Absoluto à forma nas expressões artísticas dos primeiros povos, exemplificado pelo panteísmo oriental.

O segundo momento da expressão artística é a forma de arte clássica, na qual a arte reconcilia Idéia e Forma na intuição sensível. A arte chega a essa concatenação, mas a imediaticidade do sensível torna-se insuficiente para o espírito, que busca a reconciliação além dessa imediaticidade, na interioridade do romantismo. A interioridade romântica torna o exterior inessencial, o que configura a cisão em relação à unidade da arte clássica. Mas a arte, por se relacionar à imediaticidade do sensível não permite uma nova reconciliação. Assim, a arte romântica, ultrapassa o ideal pela própria forma artística, mas nisso se expressa a consciência infeliz, pois a exterioridade também é necessária para o seu reconhecimento. Essa impossibilidade de reconciliação é expressão da consciência infeliz na estética hegeliana.

## Referências

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de Estética*. Tradução: Marco Aurélio Werle. Edusp: São Paulo, 1999.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal*. Tradução: José Gaos. Alianza Editorial, S.A.: Madrid, 1989.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução: Paulo Menezes com a colaboração de Karl-Heinz Efen. Editora Vozes Ltda.: Petrópolis, 1992.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*. Volume I. Tradução: Artur Mourão. Edições 70: Lisboa, 1988.

HYPPOLITE, Jean. *Introdução à Filosofia da História*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1971.

HYPPOLITE, Jean. *Gênese e Estrutura da fenomenologia do Espírito*. Discurso Editorial: São Paulo, 1999